

O SILENCIAMENTO DA MULHER MOÇAMBICANA NO CONTO *MUTOLA*, DE PAULINA CHIZIANE

MOZAMBICAN WOMAN SILENCING IN PAULINA CHIZIANE'S SHORT STORY MUTOLA

*EL SILENCIAMIENTO DE LA MUJER MOZAMBIQUEÑA EN EL CUENTO MUTOLA, DE
PAULINA CHIZIANE*

Fabiana da Silva Araujo¹

Resumo

O propósito deste trabalho é descrever como o silenciamento da mulher moçambicana é representado e problematizado no conto *Mutola*, de Paulina Chiziane. A pesquisa se justifica por apresentar como a literatura feminina africana de língua portuguesa expõe problemas culturais relativos a preconceito e estereótipos que afetam mulheres, intento alcançado mediante revisão bibliográfica sobre crítica literária feminista, literatura feminina africana em língua portuguesa, além da análise do conto mencionado. O estudo evidenciou que muitas mulheres ainda não têm diversos direitos respeitados e sofrem preconceitos de gênero. Em vista disto, a literatura pode ser um poderoso instrumento de denúncia, protesto e libertação.

Palavras-chave: literatura africana; literatura feminina; Moçambique.

Abstract

This paper purpose is to describe how the Mozambican women silencing is represented and problematized in the short story *Mutola*, by Paulina Chiziane. The research is justified by presenting how African women's literature in Portuguese language exposes cultural problems related to prejudice and stereotypes that affect women, an intent achieved through literature review on feminist literary criticism, African women's literature in Portuguese language, besides the analysis of the short story mentioned. The study evidenced that many women still do not have their rights respected and suffer gender prejudice. Therefore, literature can be a powerful instrument of denunciation, protest and liberation.

Keywords: African literature; women's literature; Mozambique.

Resumen

El propósito de este trabajo es describir cómo se representa y se problematiza el silenciamiento de las mujeres mozambiqueñas en el cuento *Mutola*, de Paulina Chiziane. La investigación se justifica por presentar cómo la literatura femenina africana en portugués expone problemas culturales relacionados con los prejuicios y estereotipos que afectan a las mujeres, intento logrado a través de una revisión bibliográfica sobre crítica literaria feminista, literatura femenina africana en portugués, además del análisis del cuento mencionado. El estudio mostró que muchas mujeres todavía no tienen todos sus derechos respetados y sufren prejuicios de género. Ante esto, la literatura puede ser un poderoso instrumento de denuncia, protesta y liberación.

Palabras-clave: literatura africana; literatura femenina; Mozambique.

1 Introdução

¹ Bacharela em Letras do Centro Universitário Internacional UNINTER. E-mail: phaby2011@hotmail.com

Desde os primórdios da sociedade moçambicana, a mulher ocupa uma posição de apagamento que piorou após a colonização do país por Portugal. Como relata Paixão (2017), antes da colonização o homem ocupava uma posição de dominação em relação à mulher. Quando uma mulher se casava, era obrigada a abandonar a tribo de sua família e mudar-se para a tribo do marido, onde era vista com desconfiança por todos, inclusive pelas demais mulheres da tribo, como a sogra e as irmãs do marido.

Ainda hoje, grande parte das mulheres ocupam um espaço de coadjuvantes na sociedade moçambicana, marcada por preconceitos e estereótipos. Cabe-lhes quase unicamente o dever de ser donas de casa, ter muitos filhos, cuidar da aparência para esperar por um marido, etc. Muitas não têm oportunidade de estudar, nem voz ou chance de buscar algo diferente do que a sociedade, de uma forma geral, lhes impõe.

Este estudo abordará como a condição feminina e o modo de vida imposto à mulher na sociedade moçambicana é problematizado na literatura por meio do conto *Mutola*, de Paulina Chiziane. Este tema se justifica pelo interesse em estudar a representação de problemas culturais sofridos por mulheres — tais como relativos a estereótipos e outros preconceitos — na literatura feminina africana de língua portuguesa.

No cenário aqui descrito, por vezes a literatura surge como forma de libertação para mulheres inconformadas com o tratamento de dominação que lhes é infringido. Como afirmam Pereira, Pereira e Costa (2018, p. 85), escrever é uma maneira de expressar crítica racial e social que permite à mulher sair do papel de objeto.

Visto que a literatura pode ser um instrumento de protesto e libertação das amarras culturais, por meio da leitura e análise do conto *Mutola*, de Paulina Chiziane, pretende-se alcançar os seguintes objetivos: enumerar e caracterizar as imagens da mulher presentes no conto de Paulina Chiziane; observar como, na narrativa, a mulher tradicional moçambicana é retratada, à qual se opõe a figura de *Mutola*, que representa um contraponto às conquistas sociais alcançadas nas últimas décadas, no período pós-independência de Moçambique; usar fragmentos do conto de Chiziane para ilustrar as relações entre realidade social e forma literária; por fim, apresentar *Mutola* como objeto de resistência às tradições que posicionam a mulher em papel secundário na sociedade moçambicana.

2 A mulher moçambicana e o patriarcado

Moçambique está localizado no continente africano, na costa do Oceano Índico. Colônia de Portugal, tornou-se independente em 25 de junho de 1975. Segundo Junod (1936 apud

SAMB, 2016, p. 176), Moçambique se divide em duas tradições antigas estruturadas em torno do gênero: a tradição matrilinear, no norte do país, e a patrilinear, no sul do país. Este artigo focará na tradição patrilinear, discutida no conto *Mutola*, de Paulina Chiziane.

Segundo a tradição patrilinear, a mulher, uma vez casada, pertence ao seu marido e à família dele. Como relata Paixão (2017), quando desposada, a mulher era obrigada a abandonar a tribo de sua família e mudar-se para a tribo do marido, onde é vista com desconfiança por todos, inclusive as demais mulheres da tribo, como a sogra e as cunhadas.

Nessa tradição, quando acontece um casamento, a família do noivo deve pagar o *lobolo*, espécie de dote, à família da noiva. Isto, segundo Samb (2016), ocorre como compensação à família da noiva pela perda de um membro, e deve ser usado para o casamento do irmão da noiva. Assim, a perda de um familiar seria compensada pela aquisição de um novo membro para substituí-lo.

Outra prática comum a essa tradição patrilinear, conforme Samb (2016), diz respeito à viuvez. Quando uma mulher se torna viúva, deve submeter-se a um ritual para comprovar fidelidade ao marido, de modo que se afaste de qualquer suspeita pela morte do marido por conta de adultério da parte dele. Além disso, era forçada a se casar novamente com um homem, normalmente um dos cunhados, escolhido pela família do marido falecido. Segundo José (2017), algumas viúvas são até mesmo expulsas da casa dos sogros sem direito à herança.

Há tribos africanas que creditam às mulheres a responsabilidade por problemas enfrentados pela comunidade, como guerras, epidemias, secas, etc., ao ponto de puni-las por tais problemas, como afirma Chiziane:

Nas regiões bantu, todos os meios que produzem subsistência, riqueza e conforto como a água, a terra e o gado, são deificados, sacralizados. A mulher, mãe da vida e força da produção da riqueza, é amaldiçoada. Quando uma grande desgraça recai na comunidade sob forma de seca, epidemias, guerra, as mulheres são severamente punidas e consideradas as maiores infratoras dos princípios religiosos da tribo pelas seguintes razões: são os ventres delas que geram feiticeiros, as prostitutas, os assassinos e os violadores de normas. Porque é o sangue podre das suas menstruações, dos seus abortos, dos seus nato-mortos que infertiliza a terra, polui os rios, afasta as nuvens e causa epidemias, atrai inimigos e todas as catástrofes (CHIZIANE, 2013, p. 199 apud BORGES; COSTA, 2017).

A maioria das mulheres, em sociedades como a moçambicana, não é ouvida, e muitos direitos lhes são negados. Conforme José (2017), desde a primeira constituição da república há artigos que preconizam que todos os cidadãos gozam dos mesmos direitos e estão sujeitos aos mesmos deveres, independentemente de cor, raça, sexo, etc. Porém, a mulher ainda sofre desrespeitos em relação aos seus direitos, bem como atos de violência física e psicológica.

De acordo com José (2017), esses desrespeitos ocorrem, pois, por vezes, as mulheres desconhecem seus direitos; ou, por conta do modelo tradicional da sociedade moçambicana. Como explica José (2017, p. 84),

A administração da justiça em Moçambique vem há bastante tempo incluindo nas sessões de julgamento ou audiências criminais a participação de cidadãos considerados como juízes eleitos – Secretários do bairro, Líderes comunitários, os quais antes da tomada de decisão ou leitura da sentença, são consultados por parte do Juiz Presidente da mesa de julgamento, por se considerarem pessoas com uma certa credibilidade a respeito das questões relacionadas à realidade do cotidiano sociocultural. No caso de constatação de violência contra a mulher por parte dos juízes eleitos porque ela terá cometido inicialmente algo errado como resmungar ao marido, não acatar as ordens instituídas no lar, eles acabam influenciando a decisão do Juiz Presidente a atenuar a pena do agressor ou mesmo a absolvê-lo, atitude esta que, no nosso entender, desafia ou contradiz a lei.

Fica evidente que, apesar das leis que asseguram direitos às mulheres, a tradição moçambicana prevalece. Ou seja, a mulher ainda continua, na maioria das vezes, subjugada pelos homens, pois, como afirma Lerner (2019), a cultura patriarcal em Moçambique se baseia na dominação masculina, respaldada por instituições como família, religião, etc., além de ensinar que as mulheres são naturalmente inferiores aos homens.

3 A literatura feminina moçambicana

Diante do contexto apresentado, fica nítido o quão difícil é a relação entre a mulher e a literatura em Moçambique. Numa cultura em que muitos direitos ainda são negados para grande parte da população feminina, saber ler e escrever é um privilégio concedido a poucas.

Sendo assim, grande parte das mulheres não tem acesso à educação e, conseqüentemente, não são capazes de consumir literatura como leitoras, tampouco conseguem se inserir nesse universo como escritoras. Além disso, Chiziane (2017 apud PAZ; SCARTON, 2019, p. 74) diz haver também uma “sobrecarga na mulher, porque ela tem de trabalhar, cuidar da família, e ainda mais escrever”.

Outro ponto que interfere na produção literária feminina moçambicana é o preconceito. Quando a mulher consegue educação formal e decide trilhar o caminho da escrita, sofre críticas, preconceitos e até ameaças contra sua integridade física, como conta Agualusa (2017 apud PAZ; SCARTON, 2019, p. 74):

[...] em uma oficina em Moçambique para aspirantes a escritores, uma das participantes tinha um blog e usava um pseudônimo masculino para que seu marido não descobrisse e lhe batesse. Confessava, ela, que os homens não admitem que uma mulher leia ou publique livros.

Portanto, em lugares em que a cultura se assemelha à predominante em Moçambique, segundo Pereira, Pereira e Costa (2018), escrever torna-se uma maneira de dar voz às mulheres, um ato de insubordinação em que a mulher ocupa um espaço além do papel de esposa e mãe, esperado da sociedade.

A literatura surge como forma de libertação para muitas mulheres, como conta Chiziane (citado por PAZ; SCARTON, 2019), ao afirmar ter reencontrado na escrita o preenchimento do vazio e da incompreensão que se erguia a sua volta. Por conta disso, começou a escrever sobre a condição social da mulher para protestar contra a realidade moçambicana, ao apresentar ao mundo o contexto em que vive, suas aspirações, etc.

4 A escritora Paulina Chiziane: breve perfil

Paulina Chiziane nasceu na Província de Gaza e cresceu em Maputo. Filha de um alfaiate/anticolonialista e uma camponesa, estudou em uma escola primária católica e, posteriormente, em uma escola secundária, onde desenvolveu seu conhecimento da língua portuguesa. Casou-se aos 19 anos, separando-se alguns anos depois, mãe de dois filhos.

Em sua juventude, participou ativamente do FRELIMO (Frente de Libertação de Moçambique), trabalhou no Núcleo das Associações Femininas da Zambézia e prestou consultoria ao desenvolvimento de projetos de ajuda internacional com foco em conflitos e defesa dos direitos das mulheres.

Chiziane se define como contadora de histórias e se afastou da vida política para se dedicar à literatura. Estreou no mundo literário em 1984, com a publicação de crônicas nas revistas *Domingo* e *Tempo*. Ganhou o Prêmio José Craveirinha, concedido ao melhor romance do ano pela Associação Moçambicana de Escritores, pela publicação do livro *Niketeché: uma história de poligamia*.

Além de contemplar as diferentes esferas culturais do seu país, a obra de Chiziane integra a produção literária moçambicana pós-independência, apresentando, como características, o realismo social e a crítica de costumes. Suas protagonistas, geralmente, são mulheres negras que denunciam a marginalização e o silenciamento comumente sofrido pelas mulheres. Como afirma Chiziane (2013, p. 202), “a condição social da mulher inspirou-me e tornou-se meu tema. Coloquei no papel a aspirações da mulher no campo afectivo para que o mundo as veja, as conheça e reflita sobre elas...”.

Um pouco da vida pessoal da Paulina se reflete não apenas no conto *Mutola*, mas em toda sua obra. Chiziane viveu em um ambiente em que a mulher era totalmente submissa ao

homem. Em entrevista ao *Brasil de Fato* (citado por GONÇALVES, 2016), a autora conta que, ainda hoje, quando visita seu povoado, precisa se abaixar sempre que vê um homem, em sinal de respeito. Ela própria teve que superar muitos obstáculos para ter suas obras publicadas. Chiziane conta, ainda, que escreveu seu livro *Baladas de amor ao vento* sob ameaça de morte, mas, apesar disso, não se deixou vencer, e prosseguiu lutando pelo seu sonho de liberdade, assim como *Mutola*.

5 O conto *Mutola*: aspectos da narrativa

O conto *Mutola*, de Paulina Chiziane, é o último do volume de narrativas curtas *As andorinhas*, publicado em 2016. O texto apresenta um enredo linear, ou seja, a narrativa se desenvolve mediante exposição sequencial e lógica dos acontecimentos, em um tempo cronológico. O conto apresenta personagens planas, isto é, simples e pouco desenvolvidas, as quais, conforme Abdala Junior (1995), são mais previsíveis. A protagonista é Lurdes Mutola, personagem elaborada a partir de uma atleta homônima de Moçambique, e sua antagonista na narrativa é a própria sociedade moçambicana, visto que, devido às crenças religiosas e aos costumes culturais, torna-se um empecilho para a protagonista realizar seus sonhos.

O narrador do conto, em terceira pessoa, apresenta onisciência neutra, isto é, conhece e domina os fatos de todo o universo ficcional, mas oferece ao leitor a ilusão de não interferir no desenvolvimento da história (ABDALA JUNIOR, 1995).

O contexto histórico não fica explícito no conto, porém, visto que *Mutola* é baseada em uma personagem real, infere-se, com base em sua data de nascimento e de início da carreira no atletismo, que a história se passa entre meados da década de 1970 e 1980. Como afirmam Macena e Teixeira (2015, p. 299) “Paulina retrata a árdua trajetória desta heroína para alcançar seus sonhos e faz uma relação entre literatura e história, entre texto e contexto”.

No período mencionado, Moçambique acabara de se tornar independente de Portugal, porém, vivenciava ainda conflitos ocasionados por grupos que não reconheciam a independência do país e não concordavam com algumas ações do presidente eleito.

O conto inicia em uma fábula sobre a águia e a galinha: a águia, criada por um agricultor como galinha, agia como tal. Em um diálogo entre o agricultor e um biólogo, o primeiro insiste que a águia desaprendeu a ser águia e nunca voará, enquanto o biólogo defendia que a natureza da águia, distinta das galinhas, a faria voar em algum momento. Ambos, então, fazem uma aposta. O biólogo ergueu a águia algumas vezes, mas ela sempre voltava para o chão. Até que, finalmente, ao encarar o sol, a águia abriu as asas e voou. Chiziane usa esta fábula em analogia

com a protagonista do conto. A águia simboliza as mulheres que, na narrativa, são representadas pela atleta Lurdes Mutola, a qual não se deixou vencer pelas dificuldades, preconceitos e críticas da sociedade, apesar das circunstâncias desfavoráveis. Como dito por Chiziane (apud BORGES; COSTA, 2017, [n.p.]), “as mulheres são como as águias, não são galinhas. Elas não nasceram para viver em gaiolas, foram feitas para voar, em busca da conquista da cidadania, dignidade e liberdade”.

Após a fábula, o conto relata a trajetória de Mutola que, desde criança, se comporta de modo diferente do que se esperava de uma menina na sociedade moçambicana. Quando aprendeu a andar, corria veloz para todo lugar. Na escola, preferia jogar futebol a participar das atividades das outras meninas, o que lhe valeu o apelido “Maria-rapaz”. Mesmo diante dessas críticas, ela seguia correndo atrás de bola, desejando entrar para um time de futebol, pois, como apontam Macena e Teixeira (2015, p. 300), “Lurdes revela sonhos e ambições distintos e contrários àqueles alimentados pelas demais moças da sociedade em que vive”.

No clímax da narrativa, Mutola finalmente se filia a um time de futebol masculino. Durante um jogo, marca o gol que garante a vitória do seu time, diante do que seus colegas não souberam como agir ou comemorar, assim como os comentaristas não souberam o que dizer, e anunciaram que o gol havia sido marcado por uma mulher que nem parecia mulher. Apesar da vitória, os outros jogadores do time ficaram desconfortáveis e tiveram que encarar palavras jocosas do time adversário. Ao fim do jogo, tanto jogadores como treinadores se sentiram superados por uma mulher, o que, para eles, era inadmissível, levando-os a expulsar Mutola do time. Como Macena e Teixeira (2015, p. 301) afirmam, apesar da contribuição para a vitória, Mutola “torna-se vítima da opressão, repressão, machismo, preconceito, ridicularização e inferiorização por parte de uma sociedade abalada por transformações político-sociais.”

Após esse evento, a narrativa termina quando a protagonista se dedica ao atletismo exitosamente, apesar das dificuldades, tornando-se medalhista olímpica. Recusar-se a aceitar as limitações impostas provou que a “águia”, cujo lugar não é com as “galinhas”, nasceu para voar alto.

6 A cultura moçambicana refletida no conto *Mutola*

É possível observar, no conto, muitas características da cultura e dos costumes moçambicanos. Há, por exemplo, representações do machismo, característico principalmente de sociedades patriarcais como a de Moçambique, além de uma certa submissão feminina a este machismo. A sociedade dita como deve se comportar a mulher, a qual segue tais regras e as

transmite por gerações. Nesse contexto, espera-se que a mulher seja única e exclusivamente dedicada a servir ao marido, cuidar da casa e dos filhos. Como evidencia Carmo (2014, p. 145), “a vitória da mulher é a vinda do príncipe que a levará para a cozinha, na traseira de uma casa [...] Neste contexto a mulher é um objeto antes de ser um sujeito”. Assim, à mulher não cabe outro papel, como fica nítido no fragmento a seguir:

As mulheres sempre se orgulharam dos seus dotes: fazer bonito croché, bordar e fazer enxoval. Embelezar-se e esperar o momento da vitória que virá com príncipe encantado que as levará ao palácio de uma cozinha existente nas traseiras de uma casa, com muita pompa e circunstância. É a tradição (CHIZIANE, 2016, p. 61-62).

Esses costumes, além de antigos, estão profundamente enraizados na sociedade moçambicana, que não se mostra nem um pouco aberta a mudanças em relação à dominação do homem sobre a mulher. Nem mesmo a independência do país, de acordo com Carmo (2014, p. 145), foi capaz de transformar a condição subalternizada da mulher, fato observado tanto na entrevista de Chiziane ao *Brasil de Fato* (apud GONÇALVES, 2016, [n.p.]) — em que afirma que “Ainda hoje, eu, que sou uma mulher velha, quando chego ao meu vilarejo tenho que me abaixar quando vejo um homem em sinal de respeito. Pode ser qualquer um, até mesmo um bêbado” —, quanto no seguinte trecho do conto: “Desde séculos, as mulheres cumpriram sem questionar estes princípios que funcionam como leis invioláveis, inalteráveis” (CHIZIANE, 2016, p. 62).

Percebe-se também, na narrativa, certa resistência à alteração do *status quo*. Na sociedade moçambicana, o homem foi criado para ser a autoridade máxima, a qual mulheres e crianças devem obediência. Uma mulher contrária a isto é malvista inclusive por outras mulheres. No caso do conto, isto fica evidente quando Mutola prefere correr atrás de uma bola a participar das atividades das outras meninas, como afirma Freitas (2020, p. 77), “Mutola não quer arrumar cabelos, usar saltos, vestidos, maquiagem, ou seja, preparar o corpo e disponibilizar para os homens”. Sendo assim, além de criticada, recebe o apelido “Maria-rapaz”:

- [...] Então pegava na bola e atrás dela corria.
- Maria rapaz!
- Eu? Ah! As andorinhas inspiram-me - confessava - quando corro atrás de uma bola, sinto-me a voar na conquista do mundo. Qualquer dia me inscrevo num clube de futebol.
- Futebol? Ah, essa não!
- Que mal há nisso?
- Vais ficar com os músculos rijos. Tens que te resguardar.
- Aguardar. Tens que ficar com a pele de tomate. Ou de caju. Posso
- ensinar-te... (CHIZIANE, 2016, p. 62).

Mesmo questionada por gostar de correr atrás de uma bola de futebol, Mutola não muda seu comportamento, recusa-se a encarar sua vontade de jogar futebol como errada ou imprópria para uma mulher. Diferentemente das colegas da escola, não se conforma com a posição que a sociedade espera que assuma, pois seus sonhos vão muito além, mesmo quando vacila em sua confiança na possibilidade de realizá-los, como se observa no seguinte trecho: “Sonhos reveladores afloram como pirilampos no espelho do tempo. Uma voz saia-lhe da planta dos pés, segredando: chegarás. Chegarei? Aonde, se nem sei aonde vou? Um rio verde perto de ti.” (CHIZIANE, 2016, p. 62).

Outro ponto importante na narrativa: quem primeiro tentou fazer Mutola desistir de jogar futebol e voltar para a cozinha, supostamente o lugar das mulheres, foram as próprias mulheres. Assim como afirma Carmo (2014, p. 146-146), “o maior obstáculo da personagem-águia, não tem origem exógena [...]. seu maior obstáculo é o paradigma do seu meio social [...]”. Essas mulheres aqui descritas são representadas na figura das colegas de escola da personagem, conforme ilustra o trecho: “deixa essa coisa de corridas e bolas que a cozinha é o nosso canto” (CHIZIANE, 2016, p. 63). Nesta cena, fica nítido o conformismo por parte das mulheres moçambicanas em relação à situação, evidenciando que, desde cedo, as meninas são instruídas a aceitar as normas imposta pela sociedade patriarcal, bem como a considerar normal sua condição de submissão à figura masculina, sem direito a sonhar com a possibilidade de desempenhar outro papel em sua vida.

Como dito anteriormente, Mutola não desiste de seus sonhos e ingressa em um time de futebol masculino. Ao fazê-lo, como bem observa Freitas (2020), surpreende seu povo, por contrariar a conduta esperada das mulheres até, afinal, dominar o santuário masculino nos esportes. Em uma partida, Mutola faz o gol da vitória e prova que o esporte não é apenas coisa de homem, que uma mulher pode ser tão boa quanto eles. Entretanto, apesar de seu excelente desempenho e contribuição, sofre uma série de preconceitos. Para a sociedade machista na qual a personagem estava inserida, é como se a mulher fosse incapaz de desenvolver e aprender outras habilidades além das consideradas femininas (bordar, cozinhar; cuidar de casa, filhos e marido).

Quando Mutola marca o gol, os colegas de time ficaram sem saber como comemorar, além de, como aponta Freitas (2020, p. 77), causar um mal-estar para a masculinidade da equipe. Os comentaristas disseram o seguinte: “O golo extraordinário foi marcado por uma mulher que nem parece mulher, aquilo parece golo de homem mesmo, é espantoso, as mulheres não percebem nada de futebol e nem sabem jogar!” (CHIZIANE, 2016, p. 63). Este comentário evidencia, mais uma vez, o preconceito em relação ao gênero feminino, simplesmente por ela

se comportar de forma diferente do que a sociedade espera, de modo que não seja vista como mulher apenas por ser tão boa quanto os homens em um esporte considerado “coisa de homem”.

Por vezes, em sociedades patriarcais, os homens são incapazes de aceitar que uma mulher pode ser tão boa quanto eles em atividades que, supostamente, são masculinas, situação exposta no conto no seguinte trecho:

Apesar da feliz vitória, aqueles jogadores tiveram que engolir palavras jocosas que os adversários lançavam sobre eles. Desconforto sentiram também os treinadores e os adeptos. Ser superado por uma mulher é uma grave afronta! Inadmissível! Simplesmente inaceitável! (CHIZIANE, 2016, p. 63).

Nesse fragmento, os homens demonstram seu orgulho ferido ou sua masculinidade em xeque, o que leva os colegas de time de Mutola a pedirem sua expulsão da equipe.

Mesmo expulsa do time de futebol, nota-se, no trecho a seguir, que Mutola não se conforma em viver como a sociedade moçambicana determinava, por acreditar que a mulher é capaz de ir muito além do que o ambiente patriarcal permitia. Portanto, desejava mudar e se libertar, a si e a todas as mulheres: “No vôo sereno, a menina questiona a ordem das coisas. Porque é que as mulheres sempre esperam, se têm força para desafiar o destino?” (CHIZIANE, 2016, p. 64).

Mesmo não encontrando espaço no futebol, Mutola não desistiu do sonho de se libertar das amarras impostas pelos costumes e pela cultura da sociedade na qual vivia. Assim, continuou sonhando e lutando pela sua liberdade, trocando o futebol pelo atletismo, e continuou treinando sozinha:

Ela partiu para a nova vida. Já não tem a equipa do clube para onde buscar reforço nos momentos de perigo. Persistiu. Os sonhos humanos só se quebram quando no espírito, a fragilidade existe. Começou a treinar, a reforçar os ossos, os músculos, os sonhos. Sozinha, olhou para todos os lados e estremeceu, invadida pelo medo das alturas (CHIZIANE, 2016, p. 64).

Por fim, tal qual a águia da fábula do início do conto, Mutola nasceu para ser livre e voar alto. Como salienta Freitas (2020, p. 78):

Mutola, associada à águia, supera a repressão machista e, ouvindo a voz da consciência, se apodera das asas de ouro e voa para a liberdade e para o sucesso, sem mais temer ou sofrer pelos preconceitos patriarcais alimentados por um machismo sobrevivente ao olhar colonizado de homens e mulheres que são incapazes de se permitir voar em igual latitude e longitude.

Assim sendo, Mutola assume uma posição a ser lembrada como modelo de esperança, além de elevar todas as mulheres à condição de responsáveis pelas próprias escolhas.

7 Metodologia

Este estudo foi desenvolvido por meio de uma pesquisa bibliográfica qualitativa, consistindo na leitura de trabalhos sobre crítica literária feminista, textos sobre literatura feminina africana em língua portuguesa, bem como análise do conto *Mutola*, de Paulina Chiziane.

Para elaboração do trabalho, empregaram-se noções de análise literária conforme Abdala Junior (1995), bem como foram estabelecidos diálogos com a fortuna crítica sobre a obra de Chiziane em Carmo (2014), Freitas (2020), Gonçalves (2016), Pereira, Pereira e Costa (2018), e Borges (2017). No que concerne à crítica literária feminista, recorreu-se aos escritos de Paixão (2017), e Paz e Scarton (2019). Além disso, buscou-se articular a proposta com reflexões sobre os direitos das mulheres em Moçambique, extraídas de José (2017).

8 Considerações finais

Apesar das conquistas sociais alcançadas nas últimas décadas, no período pós-independência de Moçambique a previsão constitucional de igualdade de direitos, independentemente de raça, religião, gênero, etc., não se cumpriu para as mulheres, ainda alvo de desrespeito e preconceito simplesmente por serem mulheres. Por determinação cultural, cabe a elas unicamente o dever de cuidar da casa, ter muitos filhos, esperar por um marido, etc. Muitas não têm oportunidade de estudar, não têm voz ou chance de buscar algo diferente das imposições sociais.

Nesse contexto, este estudo evidenciou que a literatura pode ser um poderoso instrumento de protesto e de libertação para muitas mulheres. A própria Paulina Chiziane afirma que se apropriou da literatura como meio para libertação pessoal das amarras que a sociedade tradicional moçambicana impõe. Além disso, a autora expõe para o mundo os sonhos, as aspirações e as condições vivenciadas ainda hoje pelas mulheres do seu país através de obras como o conto *Mutola*.

O conto em questão, ao mesmo tempo, retrata a mulher tradicional e conformada, criada exclusivamente para ser dona de casa, evidente na figura das colegas de escola de Mutola, em contraste com a mulher que sonha além dos limites da perspectiva social e age para concretizar suas aspirações, representada por Mutola.

Mutola vai de encontro com os costumes tradicionais da sociedade ao fazer parte de um time de futebol masculino e, mesmo após ser expulsa, não desistir de se desprender das amarras

impostas pela tradição moçambicana. Dedicar-se, a partir de então, ao atletismo, exitosamente, como um exemplo de resistência às tradições que posicionam a mulher em papel secundário.

Referências

ABDALA JUNIOR, Benjamin. **Introdução a análise da narrativa**. São Paulo: Scipione, 1995.

PAULINA Chiziane. **Biografias de Mulheres Africanas**, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Atualizado em 28 de janeiro de 2021. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/africanas/paulina-chiziane-1955/>. Acesso em: 14 out. 2021.

BORGES, Isalice da Páscoa Dias Gomes; COSTA, Luana Antunes. Ninguém tem o direito de interromper os meus sonhos. **Revista África e Africanidades**, Rio de Janeiro, ano 10, n. 24, 2017. Disponível em: <https://africaeaficanidades.online/documentos/0010240082017.pdf>. Acesso em: 15 maio 2021.

CARMO, Igor Fernando Xanthopulo. **Dimensões do herói moçambicano em as Andorinhas de Paulina Chiziane**. 2014. Dissertação (Mestrado) — Programa de Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8156/tde-29072015-143237/pt-br.php>. Acesso em: 26 jan. 2022.

CHIZIANE, Paulina. **As andorinhas**. [S. l.]: Atiko, 2016.

CHIZIANE, Paulina. Eu, mulher... Por uma nova visão do mundo. **Revista do Núcleo de Estudos de Literatura Portuguesa e Africana da UFF**, Niterói, v. 5, n. 10, abr. 2013. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/revistaabril/article/download/29695/17236/101786>. Acesso em: 19 set. 2021.

FREITAS, Sávio Roberto Fonsêca de. Sobre uma águia chamada Mutola. **Revista Mulemba**, Rio de Janeiro, v. 12, n. 23, p. 70-79, 2020. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/mulemba/article/view/39270>. Acesso em: 23 jan. 2022.

GONÇALVES, Juliana. A escrita sagrada da romancista moçambicana Paulina Chiziane. **Brasil de Fato**, São Paulo, 21 set. 2016. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2016/09/21/a-escrita-sagrada-da-romancista-mocambicana-paulina-chiziane/>. Acesso em: 03 jul. 2021.

JOSÉ, Zeferino Barros. Políticas públicas na ótica dos direitos humanos das mulheres em Moçambique (1964-2016). **Publ. UEPG Appl. Soc. Sci.**, Ponta Grossa, v. 25, n. 1, p. 73-87, jan./abr. 2017. Disponível em: <http://www.revistas2.uepg.br/index.php/sociais>. Acesso em: 23 set. 2021.

LERNER, Gerda. **A criação do patriarcado**: história da opressão das mulheres pelos homens. Trad. Luiza Sellera. São Paulo: Cultrix, 2019.

MACENA, Verônica; TEIXEIRA, Vanessa Ribeiro. Mutola: a heroína das asas de águia. *In: CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOGIA*, 19., 2015, Rio de Janeiro. **Anais [...]**. Rio de Janeiro: CNLF, 2015. Disponível em: https://www.filologia.org.br/xix_cnlf/cnlf/08/024.pdf. Acesso em: 17 mar. 2022.

PAIXÃO, Mayara. Resistência marca história de mulheres moçambicanas durante colonialismo português. **Agência universitária de notícia – USP**, São Paulo, 25 set. 2017. Disponível em: <http://aun.webhostusp.sti.usp.br/index.php/2017/09/25/resistencia-marca-historia-de-mulheres-mocambicanas-durante-colonialismo-portugues/>. Acesso em: 8 ago. 2021.

PAZ, Demétrio Alves; SCARTON, Mithiele da Silva. Mulheres fortes ou o conto africano de língua portuguesa de autoria feminina. **Nau literária**, Porto Alegre, v. 15, n. 1, 2019. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/NauLiteraria/article/view/78456/53989>. Acesso em: 30 abr. 2021.

PEREIRA, Márcia Regina Santana; PEREIRA, Flávio; COSTA, Eliane. O feminino, tempos e espaços em *As Andorinhas* de Paulina Chiziane, e em *Becos da Memória* de Conceição Evaristo. **Revista Porto das Letras**, Palmas, v. 4, n. 2, 2018. Disponível em: <https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/portodasletras/article/view/4314/13975>. Acesso em: 7 mai. 2021.

SAMB, Fatime. A mulher moçambicana e as práticas culturais. *In: MATTOS, Regiane Augusto; MORAIS, Carolina Maíra Gomes; PEREIRA, Matheus Serva (orgs.). Encontros com Moçambique*. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio, 2016. Disponível em: [http://www.editora.puc-rio.br/media/Encontros%20com%20Mo%C3%A7ambique%20\(e-book\).pdf](http://www.editora.puc-rio.br/media/Encontros%20com%20Mo%C3%A7ambique%20(e-book).pdf). Acesso em: 4 set. 2021.